

Capítulo I

O princípio das férias

A Rita começou a desenhar uma casa na margem do caderno: uma torre em ruínas, uma janela assinalada com um x, uma longa parede de pedra. Uma árvore sinistra, de filme de terror. Gostava de desenhar casas e castelos, e de imaginar as pessoas que viviam lá dentro, imaginar as histórias...

— Muito custa a passar o último dia de aulas — segredou à Patrícia, a colega do lado.

A Patrícia suspirou.

— E então a aula de matemática...

A Rita olhou para a janela. Do outro lado das árvores viam-se as montanhas e as nuvens cinzentas. Começava a anoitecer.

O mês de Fevereiro estava a chegar ao fim. Na semana anterior, caíra neve e granizo nas montanhas mais altas da ilha. Acontecia muitas vezes, durante o

Inverno. Ela lembrava-se de ir à neve com os pais e o irmão quando ainda era muito pequenina.

— Passas o Carnaval aqui? — perguntou a Patrícia.

— Não. A minha mãe detesta o Carnaval. Vamos para o campo.

— Eu vou entrar no cortejo.

— Que bom!

— Vou ser uma flor. Um girassol.

Mas a Rita já pensava noutra coisa.

— A minha mãe alugou a quinta de uns amigos, que fica no Jardim da Serra. Ela é escritora, como sabes. E tem de escrever em lugares tranquilos.

— Vais passar lá as férias?

— Sim.

— E se vocês fossem conversar lá para fora? — interrompeu a professora num tom aborrecido.

Era o último dia de aulas. Já cheirava a férias. A professora encolheu os ombros e continuou a aula.

— O teu irmão também vai? — perguntou a Patrícia.

A Rita fez um sinal afirmativo.

— Assim como a minha prima Mónica e um amigo nosso, o João.

A professora franziu o sobrolho, olhando directamente para as duas. A Rita fingiu escrever qualquer coisa no caderno.

Daí a pouco desenhou outra casa. Esta era alta e com inúmeras janelas, mas sem qualquer porta visível. A mãe tinha um livro na estante que se chamava *Casas Sem Portas* ou algo do género. Pela capa, devia ser um livro de mistério.

A campainha tocou e imediatamente começou um burburinho na sala.

— Boas férias, meninos — disse a professora. — E não se esqueçam dos trabalhos de casa. E...

Mas metade dos alunos já tinha saído da sala.

Férias! Era sempre tão bom! Mesmo com aquele céu cinzento. Afinal, o tempo na ilha era tão instável que no dia seguinte podia muito bem estar sol.

A Rita arrumou os livros com calma. Levava também um de aventuras, que uma amiga lhe emprestara.

O David esperava-a junto ao portão. Era alto e, como a irmã, tinha o cabelo de um castanho muito escuro, quase preto, e olhos verdes. A Rita disfarçou um sorriso ao ver que ele estava rodeado por algumas colegas suas. Sabia que as amigas achavam o irmão muito interessante.

«Se soubessem que é um maçador» pensou, «que não vê nada a não ser os livros...»

Na verdade, o David também jogava futebol. E quase tão bem como o João, o melhor amigo de ambos. Não era exactamente um rato de biblioteca.

Os dois irmãos saíram do colégio e desceram a rua. Começava a chover.

Não tinham muita coisa a dizer um ao outro. Eram tão diferentes, e no entanto davam-se bem. Eram complementares, como a mãe dizia.

— A mãe disse para comprarmos o jantar — exclamou o David. — O nosso e o do João.

— Mas ele não vem amanhã?

— Não. Telefonou à hora do almoço e disse que tinha levado a mochila para a escola. Pensava apanhar o autocarro das cinco.

— E a Mónica chega amanhã à noite.

— Em princípio, sim.

Era engraçado pensar que só tinham conhecido a prima no ano anterior. Ela vivia em Lisboa com os pais, dois jornalistas conhecidos. A Mónica tinha a idade da Rita, onze anos, mas era um pouco mais baixa, o cabelo castanho-claro, ondulado nas pontas, e uns grandes olhos castanhos que pareciam ver mais do que os das outras pessoas. No início, tinham ficado um pouco retraídos na presença uns dos outros, mas no fim das férias eram grandes amigos. Um grupo de cinco, que incluía o João e o cachorro da Rita, um *spaniel* castanho chamado Indy.

Entraram num supermercado e compraram arroz e polvo, já prontos, para o jantar.

— Vou buscar um pão de passas — disse a Rita.

— A Mónica adora bolo de mel — lembrou o David. — Traz um ou dois.

— Boa ideia!

A Rita gostava de fazer compras. A mãe, quando estava a escrever um livro, era tão distraída que se esquecia de tudo.

Ao saírem do supermercado viram que estava a chover. A Rita tirou o guarda-chuva da mochila.

Correram para apanhar o autocarro n.º 11. Chegaram mesmo no último instante.

Daí a uns quinze minutos desceram na paragem que ficava a alguns metros de casa. Era uma vivenda pe-

quena, com as paredes pintadas de branco e as persianas verdes, rodeada por um jardim. Quando abriram o portão, o Indy correu para eles. Um rapazinho de cabelo castanho e pele muito morena estava sentado no alpendre.

— Olá.

— João! Chegaste há muito tempo?

— Não. Há uns dez minutos. Toquei à campainha, mas só apareceu o Indy.

Os outros começaram a rir.

— A mãe não ouve nada quando está a escrever.

— Eu sei.

A Rita abriu a porta. Tiraram os casacos e foram para a cozinha.

— A minha mãe mandou dois pães caseiros — disse o João. — Esteve a fazê-los ontem à noite. Levaram batata doce.

— Ótimo. Quais são as novidades de Porto Moniz?

O João encolheu os ombros.

— Nenhumas.

Mas pouco depois estava a contar uma emocionante noite de pesca.

— Queres mesmo ser pescador quando cresceres?

— Não sei. Às vezes penso que gostava de ser jogador de futebol...

— David, vai chamar a mãe para o jantar. Ela esquece-se sempre das horas das refeições. Ou queres levar um tabuleiro?

— Vou experimentar chamá-la.